

ENSINO MÉDIO REMOTO: IMPACTOS DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Ludwig Félix Machado Leal¹
Cintha Karina Ventura de Macêdo²
Mísia Carolyne Pereira de Moraes³

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência, cujo objetivo principal é discutir os resultados do levantamento de demandas com alunos do ensino médio feito pela equipe de psicologia escolar de uma escola privada no Estado da Paraíba – PB. Os psicólogos da escola elaboraram e aplicaram um questionário com 16 questões ao total, contando com perguntas abertas e fechadas sobre dados sociodemográficos, principais dificuldades escolares, sintomas apresentados durante a pandemia, relacionamento entre a turma, entre outras. Após a aplicação do questionário foi aberto um espaço para os alunos comentarem e se expressarem sobre as perguntas propostas. Participaram da aplicação do questionário os alunos das duas turmas de 9º ano e das três turmas de ensino médio, somando um total de 93 participantes, 61,5% meninas e 38,5% meninos dos quais 52,6% avalia as relações com as turmas e professores de maneira positiva, enquanto 47,4% avalia com indiferença ou de maneira negativa. Os resultados apontam para um aflorar de demandas de cunho psicológico e social. A pandemia parece ter feito irromper e crescer uma série de queixas que já eram características de contextos anteriores. Cabe aos profissionais da educação, em especial gestores e psicólogos, olhar com cuidado essas demandas levando em consideração o contexto individual de cada aluno e a conjunção pandêmica atual.

Palavras-chave: Psicologia escolar, Aulas remotas, Ensino médio, COVID-19, Pandemia.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiência, cujo objetivo principal é discutir os resultados do levantamento de demandas com alunos de ensino médio feito pela equipe de psicologia escolar de uma escola privada no Estado da Paraíba – PB. No relato em questão será abordada a coleta de dados realizada junto aos alunos do ensino médio e as especificidades no trabalho desenvolvido nesse segmento na modalidade do ensino remoto nos tempos de pandemia.

¹ Mestrando do Curso de **psicologia social** da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, psicologoludwigleal@gmail.com;

²Graduada em **Psicologia** pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU-CG), cinthyakvmacedo@gmail.com;

³ Mestranda do Curso de **psicologia social** da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, misiacarolyne@uol.com.br

A coleta de dados para entendimento das demandas dos alunos pode ser considerada uma parte imprescindível do trabalho do psicólogo na escola. É a partir deste mapeamento de demandas que a atuação desse profissional será pautada. Partindo de um olhar de uma psicologia educacional crítica, esse trabalho deve olhar cada aluno como ator único no ambiente escolar levando em conta suas especificidades, contextos e a complexidade que permeiam as relações dentro da instituição, não esquecendo do viés político e social que atravessa as instituições de educação (CANDEIRA et al., 2020).

Dentro dessa perspectiva é preciso frisar que o contexto pandêmico é muito específico. Com ele vem a necessidade do isolamento e do ensino remoto. Miranda et al. (2020) indicam uma diminuição na motivação de estudantes, principalmente adolescentes, quando se fala no processo de ensino-aprendizagem nesse contexto. Problemas de atenção, estresse, ansiedade e depressão são exemplos de queixas que também atravessam a dinâmica das aulas remotas.

Titon e Zanella (2018), em revisão da literatura sobre a atuação do psicólogo escolar, já apontam a fragilidade e falta de dinamicidade da formação no que diz respeito, inclusive, aos aparatos tecnológicos, mas frisam também a importância de uma atuação inventiva e aberta a novas possibilidades. Em um momento histórico como o atual, estas ferramentas se fazem mais que necessárias. Nesta direção, mais uma vez, o mapeamento de necessidades, a escuta da comunidade escolar e o apoio e intervenção com base no que se é colhido são apontados como algumas das funções principais do psicólogo no contexto da escola.

Em vista do panorama apresentado, é válido e relevante os apontamentos do relato de experiência a seguir, que faz uma análise detalhada das demandas apresentadas pelos adolescentes de uma escola privada. É a partir da análise de tais resultados que o psicólogo poderá vislumbrar os caminhos a serem trilhados no que concerne a suas intervenções.

METODOLOGIA

No início do ano letivo de 2021, já ciente do agravamento da pandemia do novo coronavírus no Brasil, o setor de psicologia escolar da escola em questão apresentou para a direção, supervisões pedagógicas e coordenações um plano de ação específico para os estudantes de ensino médio, que se matricularam na modalidade remota.

Inicialmente foi proposto um momento com os alunos para apresentá-los ao trabalho dos psicólogos, conhecê-los melhor e sondar as principais demandas apresentadas durante a pandemia.

Os psicólogos da escola elaboraram e aplicaram um questionário com 16 questões ao total, contando com perguntas abertas e fechadas sobre dados sociodemográficos, principais dificuldades escolares, sintomas apresentados durante a pandemia, relacionamento entre a turma, entre outros. Após a aplicação do questionário, foi aberto um espaço para os alunos comentarem e se expressarem sobre as perguntas propostas. Cada turma também foi convidada para participar das atividades oferecidas pelo setor de psicologia da escola ao final de cada intervenção.

É importante destacar que essa coleta de dados inicial será complementada na medida em que os trabalhos forem sendo desenvolvidos, uma vez que novas demandas podem surgir no decorrer do ano. Os principais resultados são apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da aplicação do questionário os alunos das duas turmas de 9º ano e das três turmas de ensino médio, somando um total de 93 participantes, sendo 61,5% meninas e 38,5% meninos, dos quais 52,6% avalia as relações com as turmas e professores de maneira positiva, enquanto 47,4% avalia com indiferença ou de maneira negativa.

Bullying e cyberbullying na pandemia

Do total de respostas, 30% dos alunos responderam já ter presenciado ou sofrido alguma situação de bullying ou cyberbullying nos últimos 6 meses de pandemia. Esse número apresentado por esse segmento é o dobro quando comparados com os estudantes de ensino fundamental anos finais da mesma instituição que apresentaram uma porcentagem de 15%.

Sobre o cyberbullying é importante destacar que este é um fenômeno de violência entre pares que acontece por meio de dispositivos eletrônicos e pela internet. É caracterizado pela repetição e relação desigual de poder com intenções de causar danos como humilhação, calúnias, ameaças, chantagens, entre outros (SLONJE; SMITH, 2008; OLWEUS; LIMBER, 2018; CAVALCANTI et al., 2019).

Tal fenômeno ultrapassou os limites físicos do bullying tradicional, que também é compreendido como uma repetição de atos agressivos intencionais com desequilíbrio de poder entre quem agride e quem é agredido (ZEQUINÃO et al., 2017; BARLETT et al., 2018), e se diferenciou deste em razão de duas características principais: o anonimato e a audiência. Dessa forma, o agressor pode nunca ser identificado e permanecer impune, assim como a agressão pode ser difundida rapidamente pelas redes sociais atingindo um grande número de espectadores (BARLETT; GENTILE, 2016).

Sabe-se que a prevalência do cyberbullying está relacionada com danos à saúde mental dos participantes que, com grande frequência, apresentam sintomas como estresse, ideação suicida, depressão, ansiedade, solidão, sintomas somáticos, problemas emocionais, abuso de álcool e outras drogas, redução de satisfação com a vida, da autoestima e de comportamentos pró-sociais (KOWALSKI et al., 2014; REDMOND et al., 2020). Por essa razão, psicólogos escolares e equipes gestoras de instituições educativas devem estar atentos à prevalência de cyberbullying em seus locais de trabalho para que sejam propostas intervenções eficazes de acordo com cada contexto.

Na literatura encontramos muitos estudos que destacam o papel do reforço comportamental no aumento da prevalência de cyberbullying (BARLETT et al., 2018; BAE, 2021; AIZENKOT; KASHY-ROSENBAUM, 2018). Dessa forma adolescentes, expostos a comportamentos violentos, e que são positivamente reforçados por seus colegas de escola e familiares, são inclinados a intimidar seus pares (BARLETT et al., 2018). Por outro lado, encontramos estudos em que adolescentes que foram voluntários de programas de redução de cyberbullying, ao terem comportamentos pró-sociais reforçados apresentaram um declínio significativo nos índices de prevalência de cyberbullying (AIZENKOT; KASHY-ROSENBAUM, 2018; GARAIGORDOBIL; MARTÍNEZ-VALDERREY, 2018; CALVO-MORATA et al., 2018; HSWEN; RUBENZAHL; BICKHAM, 2014).

Os dados apresentados indicam a necessidade de planejar ações de psicoeducação e prevenção sobre o tema para que essa porcentagem seja diminuída cada vez mais. Sugerimos que os psicólogos e equipe pedagógica podem trabalhar o tema com palestras, aulas, rodas de conversa e outras atividades em grupo para reforçar comportamentos pró-sociais, como empatia e cooperação, promover a circulação dos discursos sobre o tema e sensibilizar possíveis vítimas para buscar ajuda profissional.

Principais sintomas psíquicos durante a pandemia

Foi perguntado aos participantes se eles sentem algum dos sintomas apresentados na presente questão. Dos itens disponíveis para a escolha estavam: ansiedade, tristeza excessiva, estresse, irritabilidade, desmotivação, pesadelos, mudança de apetite, dificuldades de concentração e atenção, medo excessivo, entre outras. Cada participante podia marcar mais de um item.

Chama atenção o alto percentual de respostas afirmativas para ansiedade, correspondendo a 58% do total. Em segundo lugar verificamos dificuldade de atenção e concentração (48,3%). Em terceiro lugar ficou desmotivação (45%). Destacamos também os sintomas a seguir: dores constantes de cabeça ou em outras partes do corpo (40,4%), mudança de apetite (32,6%), irritabilidade (38,2%), esquecimentos (29,2%), insônia (28%) e tristeza excessiva (23,6%). Mais da metade dos alunos também relatou não fazer uso de nenhum tipo de medicamento para tratar ou amenizar os sintomas acima mencionados.

Na sequência, 59,3% respondeu que nunca frequentou nenhum tipo de serviço especializado em saúde mental. Destacamos, com isso, que muitos alunos sentem a necessidade, mas apresentam resistência em procurar ajuda profissional por diversos motivos, entre eles, vergonha, desconfiança e medo como foi citado pelos próprios participantes. Por isso, é importante que os psicólogos escolares possam levar isso em consideração e promovam sempre atividades de sensibilização para que os adolescentes possam desenvolver a prática de se expressar. Desse modo, pode ser criado um cenário em que seja possível produzir novas demandas (CFP, 2013).

A presença desses sintomas pode estar associada ao índice de satisfação com o rendimento escolar. Nesse sentido, menos da metade dos participantes dizem estar satisfeitos com seu rendimento escolar (35,2%), já uma parcela de 40,7% respondeu “talvez” e 24,2% respondeu não estar satisfeito. Quando comparados com os estudantes de ensino fundamental anos finais da mesma instituição, verificamos que os alunos do ensino médio se sentem menos satisfeitos com o próprio rendimento escolar. Hipotetizamos que isso seja em razão das pressões acadêmicas em relação à escolha da profissão, vestibular, aumento da carga horária de estudos e a complexidade dos conteúdos para assimilar.

O baixo índice de satisfação com os estudos pode estar relacionado a um aumento na prevalência de sofrimento mental, também apontado como adoecimento psíquico ou como problemas psicológicos, estes possuem efeitos negativos em muitos aspectos da vida, interferindo nos relacionamentos interpessoais (com os familiares e na escola), na motivação para os estudos, no prazer de viver, criando dificuldades no exercício das atividades escolares e diminuindo a satisfação com o próprio rendimento escolar (MORAES et al., 2020). O advento da pandemia do novo coronavírus, pelo que foi observado, agravou ainda mais esses problemas.

Os dados apresentados, portanto, apontam para a necessidade de se investigar a prevalência de Transtornos Mentais Comuns – TMC que são estados emocionais com reverberação física que se manifestam em diferentes níveis e com ampla sintomatologia, incluindo depressão, ansiedade, queixas somáticas, entre outros (MORAES et al., 2020). A Organização Mundial da Saúde já coloca que o advento da pandemia, a necessidade do isolamento social e aulas remotas, são apontados como elementos que levaram a um aumento das queixas de medo, ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental (OMS, 2020).

Principais dificuldades na vida escolar

Nessa pergunta de resposta aberta destacamos a emergência de 21 respostas relatando dificuldade na atenção, foco e concentração nos estudos. Relacionado a isso podemos citar mais algumas categorias de respostas que estão associadas a essa dificuldade principal as quais estão listadas abaixo:

- a) Dificuldade em prestar atenção nas aulas remotas
- b) Sobrecarga e fadiga
- c) Relação com a turma e professores
- d) Compreensão de conteúdos
- e) Desmotivação
- f) Manter uma rotina

Para tratar dessas questões escolares é necessário que o psicólogo escolar esteja atento às intervenções relacionadas à organização do tempo e do espaço para os estudos. Sabemos que diante de tais dificuldades de aprendizagem nas aulas remotas os alunos, mais do que nunca, podem sentir dificuldade para prestar atenção nas aulas, já que seu

ambiente familiar agora também está sendo usado como ambiente escolar e pode trazer consigo fadiga e exaustão mental. Por isso, um espaço de trabalho bem iluminado e livre pode contribuir com a maior parte dos estudantes para que possam aproveitar o máximo de seu tempo nos deveres de casa. Outros recursos também não podem ser ignorados como um calendário para o registro de eventos escolares, atividades e tarefas.

O isolamento social está associado a uma diminuição no desempenho na aprendizagem e maior estresse enquanto se estuda por meio de aulas remotas (TAN, 2020). Por isso, manter uma rotina pode contribuir para a manutenção de horários previsíveis para refeições, recreação, deveres de casa e hora de dormir. O psicólogo escolar não pode deixar de orientar os alunos, suas famílias e até mesmo os professores para a importância desses hábitos.

Na coleta de dados realizada, observou-se que a dificuldade em prestar atenção nas aulas remotas também esteve associada a dificuldade em deixar as câmeras ligadas. Quando exploradas as razões por trás dessa dificuldade encontramos que muitos alunos disseram sentir vergonha da sua própria aparência, do ambiente familiar, especificamente do seu quarto onde a grande parte assiste às aulas remotas. Isso deve ser motivo de atenção para as equipes escolares, uma vez que se faz necessário um trabalho de problematização a esse respeito.

Outras dificuldades

Dentre as dificuldades que pedimos para os participantes compartilharem conosco, observamos que a maioria das respostas diz sobre reconhecer que existem dificuldades, mas não se sentir confortável para compartilhar. Outras respostas foram listadas a seguir:

- a) Dificuldade na relação com pais e familiares
- b) Insegurança, timidez e dificuldade com autoestima
- c) Ansiedade

Frente a tais dificuldades apresentadas, cabe discuti-las à luz do texto *Mal-estar na Civilização* escrito por Freud (1930). Escrito há 90 anos, esse texto chama atenção pela semelhança com os dias de hoje, a história se repete, mudam-se os personagens, mas parece que o enredo continua o mesmo. O mundo estava imerso em um grande

mal-estar: pandemia de gripe espanhola, entre guerras, desastres naturais, crises sociais, políticas e econômicas, a crise mundial de 1929.

Diante desse cenário de sofrimento, Freud escreveu esse texto no qual aponta três fontes principais para o sofrimento humano naquela época, a saber: em primeiro lugar os desastres naturais que abalam a terra com forças poderosíssimas (pandemia de gripe espanhola, terremotos, tempestades, furacões, tsunamis, etc.). Em segundo lugar, o declínio do próprio corpo, fadado à dissolução, ao adoecimento, com a morte à espreita. Em terceiro lugar, e talvez o aspecto mais importante dessa pandemia, as relações com outros seres humanos.

Estamos vivendo, portanto, em um momento em que essas três principais fontes do sofrimento humano nos assolam de uma só vez. Estamos diante de um grande desastre natural do qual não temos muito controle, que é a pandemia de COVID-19, o que nos coloca frente a frente com o adoecimento do próprio corpo, com a possibilidade de morrer e com o real da perda.

Além disso, estamos em isolamento com outras pessoas, a terceira fonte de sofrimento e a principal de todas para Freud. O convívio com as pessoas de casa se intensifica e com ele o mal-estar nesse ambiente pode aumentar as queixas relacionadas à ansiedade. O menor sinal de algum comportamento indesejado por parte do outro pode causar um grande problema. Isso está relacionado ao fato de que essas são questões que já existiam e que muitas pessoas ignoravam e de repente tem que se confrontar com os próprios fantasmas. Com aquela dúvida, aquele pensamento, aquele medo que parecia, talvez, estar adormecido e que agora retorna com mais intensidade (HOMEM, 2020).

Freud discute ao longo do texto, algumas possíveis saídas pra todo esse mal-estar mundial, e aponta a arte como uma ótima forma de lidar com esses sofrimentos. Isso porque muitas vezes faltam palavras pra falar da dor, do sofrimento, daquele sintoma que se leva a vida toda como parte da personalidade e que muitas vezes nem se sabe que pode ser mudado. Muitas vezes não se consegue falar do sofrimento com palavras, mas se pode expressá-lo pela arte. E, além da arte, temos, também, o amor.

Por esse caminho, o psicólogo escolar deve trabalhar pautado no fortalecimento dos vínculos, cuidando da qualidade dessas relações no ambiente escolar e intervindo, quando possível, nas relações familiares. Os trabalhos que estimulem a criatividade por meio de atividades artísticas também são muito bem-vindos em tempos de pandemia.

Cabe também ao psicólogo escolar orientar os professores sobre métodos e técnicas que possam ajudar a tornar as aulas remotas mais dinâmicas e lúdicas como, por exemplo, propondo a inserção de músicas, vídeos e alongamentos nas aulas. Também é importante realizar pausas entre uma aula e outra, conversar com os alunos e promover interação entre eles, perguntar sobre o dia, sobre essa nova rotina, compartilhando vivências, sugestões e novidades entre si. É necessário, assim, desenvolver uma relação de parceria com entre alunos e professores, aquele sentimento de que um pode contar com o outro. Isso faz com que os alunos se sintam ouvidos e acolhidos, o que contribui no engajamento nas aulas.

Sugestões de atividades para o setor de psicologia

O objetivo dessa questão foi sondar dos alunos o que eles esperam do setor de psicologia e quais ações podem ser bem-vindas para esse segmento. Nessa perspectiva, mais da metade do total de respostas indica realizar atividades relacionadas à psicoeducação e orientação psicológica de maneira geral. Outras respostas estão listadas a seguir:

- a) Realizar atendimentos individuais
- b) Promover atividades em grupos (principalmente em sala de aula)
- c) Fazer mediações entre alunos e equipe pedagógica
- d) Orientações sobre organização do tempo
- e) Atividades voltadas para ansiedade

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir a prática do psicólogo escolar frente às demandas de alunos do ensino médio. Para isso foi apresentado um relato de experiência de um trabalho realizado com este segmento a partir do qual os resultados apontam para um aflorar de demandas de cunho psicológico e social.

A pandemia parece ter feito irromper e crescer uma série de queixas que já eram características de contextos anteriores, isso foi refletido nos altos índices de ansiedade, desmotivação, estresse, fadiga, entre outras queixas psicológicas aprensetadas pelos alunos. Cabe aos psicólogos escolares e gestores em educação um olhar com cuidado

para essas demandas, levando em consideração o contexto individual de cada aluno e a conjunção pandêmica atual.

O desafio se faz ainda maior em tempos de aulas remotas ou híbridas, mas como dito anteriormente, tal contexto nos convida a reinvenção. Falando do papel do psicólogo no contexto escolar especificamente, é válida ainda a afirmação de que sua função passeia entre a de fazer circular essas antigas-novas queixas e trabalhar no sentido de criar um ambiente em que seja possível o alívio, ao menos momentâneo das angústias e o diálogo entre os atores da escola.

REFERÊNCIAS

AIZENKOT, D. Cyberbullying experiences in classmates' WhatsApp discourse, across public and private contexts. **Children and Youth Services Review**, v. 110, p. 104814, 2020. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.104814>

BAE, S. M. The relationship between exposure to risky online content, cyber victimization, perception of cyberbullying, and cyberbullying offending in Korean adolescents. **Children and youth services review**, v. 123, p. 105946, 2021. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.105946>

BARLETT, C. P.; DEWITT, C. C.; MARONNA, B.; JOHNSON, K. Social Media Use as a Tool to Facilitate or Reduce Cyberbullying Perpetration: A Review Focusing on Anonymous and Nonanonymous Social Media Platforms. **Violence and Gender**. v. 5, n. 3, p. 147-152, 2018. doi: <http://doi.org/10.1089/vio.2017.0057>

BARLETT, C. P.; GENTILE, D. A.; CHEW, C. Predicting cyberbullying from anonymity. *Psychology of Popular Media Culture*. **Psychology of Popular Media Culture**, v. 5, n. 2, p. 171–180, 2016. doi: <https://doi.org/10.1037/ppm0000055>.

CALVO-MORATA, A.; ROTARU, D. C.; ALONSO-FERNANDEZ, C.; FREIRE, M.; MARTINEZ-ORTIZ, I.; FERNÁNDEZ-MANJÓN, B. (2018). Validation of a Cyberbullying Serious Game Using Game Analytics. **IEEE Transactions on Learning Technologies**, v. 99, p. 1-13. doi: [10.1109 / TLT.2018.2879354](https://doi.org/10.1109/TLT.2018.2879354)

CANDEIRA, B. S.; CARVALHO, L. S.; NEGREIROS, F. O psicólogo escolar em políticas públicas no Piauí: mapeamento e demandas. **Interação em Psicologia**, v. 24, n. 3, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v24i3.67544>. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/67544>>. Acesso em: 08 apr. 2021.

CAVALCANTI, J. G.; PAIVA, T. T.; PIMENTEL, C. E.; PINTO, A. V. DE L.; MOURA, G. V. Parâmetros psicométricos das Escalas Florence de Cyber Agressão – Cyber Vitimização. **PSICO**, v. 50, n. 3, 2019. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.3.31520>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para Atuação de Psicólogos(os) na Educação Básica**. Brasília: CFP, 2013.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARAIGORDOBIL, M.; MARTÍNEZ-VALDERREY, V. Technological Resources to Prevent Cyberbullying During Adolescence: The Cyberprogram 2.0 Program and the Cooperative Cybereduca 2.0 Videogame. **Front Psychol.** v. 16, n. 9, p. 745, 2018. doi: 10.3389/fpsyg.2018.00745

HOMEM, M. **Lupa da alma: quarentena-revelação**. 1ª Ed. São Paulo: Todavia, 2020.

HSWEN, Y.; RUBENZAHL, L.; BICKHAM, D. S. Feasibility of an Online and Mobile Videogame Curriculum for Teaching Children Safe and Healthy Cellphone and Internet Behaviors. **Games For Health Journal: Research, Development, and Clinical Applications**, v.3, n. 4, p. 252-259, 2014. doi: 10.1089/g4h.2013.0074

KOWALSKI, R. M.; GIUMETTI, G. W.; SCHROEDER, A. N.; LATTANNER, M. R. Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. **Psychological Bulletin**, v. 140, n. 4, p. 1073-1137, 2014. doi: 10.1037/a0035618

MIRANDA, D. M.; ATHANÁSIO, B. S.; OLIVEIRA A. C. S.; SIMÕES-E-SILVA, A. C. How is COVID-19 pandemic impacting mental health of children and adolescents? **International journal of disaster risk reduction: IJDRR**, v. 51, p. 101845, 2020.

MOREIRA, J. S., LEAL, L. F. M., MEDEIROS, L. M. B., MORAIS, M. C. P. Graduandos de sete cursos de saúde: entre transtornos mentais comuns e o rendimento acadêmico. **Rev Espaço para a Saúde**, v. 21, n. 2, p. 42-55, 2020. doi: 10.22421/15177130-2020v21n2p42

OLWEUS, D.; LIMBER, S. P. Some problems with cyberbullying research. **Current opinion in psychology**, v. 19, p. 139-143, 2018. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.04.012
Organização Mundial da Saúde (OMS). Coronavirus disease 2019 (COVID-19) situation report. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/campaigns/connecting-the-world-to-combat-coronavirus/health-yathome/healthyathome—mental-health>>. Acesso em 07/04/2021

REDMOND, P.; LOCK, J. V.; SMART, V. Developing a cyberbullying conceptual framework for educators. **Technology in Society**, v. 60, p. 101223, 2020. doi: <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2019.101223>

SLONJE, R.; SMITH, P. K.; FRISÉ, N. A. The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. **Computers in human behavior**, v. 29, n.1, p. 26-32, 2013. doi: 10.1016/j.chb.2012.05.024

TAN, C. The impact of COVID-19 on student motivation, community of inquiry and learning performance. **Asian Education and Development Studies**, v. 10, n. 2, p. 308–321, 2020.



TITON, A. P.; ZANELLA, A. V. Revisão de literatura sobre psicologia escolar na educação profissional, científica e tecnológica. **Psicol. Esc. Educ.** v. 22, n. 2, p. 359-368, 2018.

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 181- 198, 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>